



Representações da sala de aula em fotografias publicadas na revista *Brasília* (1957-1967)

Representations of the classroom in photographs
published in revista *Brasília* (1957-1967)

Representaciones de aula en fotografías
publicadas en la revista *Brasília* (1957-1967)

Juarez José Tuchinski dos Anjos
Universidade de Brasília (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0003-4677-5816>
<http://lattes.cnpq.br/7560916850762011>
juarezdosanjos@yahoo.com.br

Resumo

O artigo tem por objetivo investigar que representações das salas de aula pensadas para a nova capital foram veiculadas nas páginas da Revista *Brasília* entre os anos de 1957 e 1967. Por um lado, as conclusões apontam que as fotografias queriam veicular a representação de uma educação moderna e modelar, planejada para atender às necessidades da cidade em fase de consolidação e do próprio país. Por outro lado, ao submeter essas imagens ao crivo da interpretação historiográfica, emergiram uma série de elementos mais tradicionais e até mesmo contraditórios nessas representações, que revelam, assim, limitações do modelo de ensino proposto, como a relação hierárquica professor-alunos, o padrão de branquitude dos alunos atendidos por uma escola-classe bem como a ideia da escola como um espaço do vir-a-ser da criança, ignorando sua potencialidade como lugar de experiências já no presente infantil como advogavam algumas correntes da pedagogia dita moderna.

Palavras-chave: História da Educação; Fotografias; Revista Brasília.

Abstract

The article aims to investigate what representations of classrooms designed for the new capital were published in the pages of Revista *Brasília* between 1957 and 1967. On the one hand, the conclusions indicate that the photographs were intended to convey the representation of a modern and exemplary education, planned to meet the needs of the city in the process of consolidation and of the country itself. On the other hand, when these images were subjected to the scrutiny of historiographical interpretation, a series of more traditional and even contradictory elements emerged in these representations, thus revealing limitations of the proposed teaching model, such as the hierarchical teacher-student relationship, the whiteness of the students served by a school-class, as well as the idea of school as a space for the child's future, ignoring its potential as a place for experiences already in the childhood present, as advocated by some currents of so-called modern pedagogy.

Keywords: History of Education; Photographs; Revista Brasília.

Resumen

El artículo tiene como objetivo investigar qué representaciones de aulas diseñadas para la nueva capital fueron publicadas en las páginas de la Revista *Brasília* entre los años 1957 y 1967. Por un lado, las conclusiones indican que las fotografías querían transmitir la representación de una educación moderna y modelo, planificado para satisfacer las necesidades de la ciudad en fase de consolidación y del propio país. Por otro lado, al someter estas imágenes al tamiz de la interpretación historiográfica, surgieron en estas representaciones una serie de elementos más tradicionales e incluso contradictorios, que revelan limitaciones del modelo de enseñanza propuesto, como la relación jerárquica profesor-alumno, la estándar de blancura de los estudiantes atendidos por una escuela de clase así como la idea de la escuela como un espacio para el devenir del niño, ignorando su potencial como lugar de experiencias ya en el presente del niño como lo propugnan algunas corrientes de la llamada pedagogía moderna.

Palabras clave: Historia de la Educación; Fotografías; Revista Brasília.

Recebido: 05/02/2025

Aprovado: 07/07/2025

Introdução

Entre os anos de 1957 e 1967, com tiragem mensal numa primeira fase e depois esporádica em um segundo momento, circulou, no Brasil e no exterior, a Revista *Brasília*, órgão oficial da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP), com o intuito de divulgar o processo de construção do novo centro do poder brasileiro. Contando com textos e fotografia, a revista, inicialmente, fazia a defesa da mudança da capital para o Planalto Central e, posteriormente, após a inauguração da cidade em 1960, documentava sua consolidação.

O impresso, para além de um registro arquitetônico daquilo que uma historiografia tradicional chamaria de epopeia da construção de Brasília (VASCONCELOS, 1992), traz evidências do cotidiano dos primeiros moradores da cidade e de variados aspectos da vida naqueles anos iniciais da metrópole em planejamento, construção e implantação. Já despertou o interesse de historiadores que estudaram, através de suas páginas, temas como a arquitetura e urbanismo (CAPELLO, 2010); a mitificação de Brasília como “capital da esperança” (MEDEIROS, 2012); o sertão e a modernidade (ANDRADE, 2020); o discurso de branquitude (LOPES, 2021) e a infância no tempo da construção da nova capital (MOURA e ANJOS, 2023). Um aspecto relevante que tingiu o periódico, de interesse para a história da educação, são as representações sobre a sala de aula em Brasília em fotografias publicadas na revista, tomadas como objeto de estudo deste artigo.

A rede escolar de Brasília foi longamente planejada pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), que tinha, à sua testa, o educador Anísio Teixeira. A ele coube delinear as coordenadas gerais do sistema público de ensino, almejando uma educação integral, do jardim de infância à Universidade (TEIXEIRA, 1961; ANJOS, 2022). Ocorre que, antes mesmo da inauguração da cidade, equipamentos escolares tiveram de ser instalados, tanto pelo poder público quanto por particulares, para atender às crianças que, deslocando-se com seus pais envolvidos com a construção de Brasília, reclamavam educação (PEREIRA e HENRIQUES, 2011; ANJOS e BARBOSA, 2020). Posteriormente ao ato oficial de inauguração da nova capital, em 21 de abril de 1960, o planejado para o setor educacional foi sendo edificado, ganhando destaque em diversos números da Revista *Brasília*. Um tema realçado em alguns números, foram as salas de aula da nova capital.

A sala de aula, falam-nos Inés Dussel e Marcelo Caruso (2003, p. 24), “é uma invenção do ocidente cristão, a partir de 1500, e [...] nesse processo a pedagogia utilizou-se de muitas argumentações diferentes para dar corpo e forma a este espaço”. Segundo esses historiadores, nos últimos cinco séculos, a sala de aula refletiu na sua configuração o impacto da religião sobre o ensino, do disciplinamento de corpos e da lógica das sociedades industriais, constituindo-se, sobretudo, num lugar de governo do outro (DUSSEL e CARUSO, 2003). Embora integre claramente aquilo que Vincent, Lahire e Thin (2001) designam de forma escolar e seja, como já observaram Júlia Varela e Fernando Alvarez-Uria (1992) elemento da maquinaria da escola, ela se constitui numa dimensão empírica da cultura escolar (ESCOLANO BENITO, 2010), passível de diferentes representações e apropriações (CHARTIER, 2002) ao longo do tempo, comportando em sua disposição espacial, humana e pedagógica, em cada época histórica, um tanto de permanências e outro tanto de rupturas. Tomando essa afirmativa como hipótese, emerge o problema histórico deste estudo: que representações das salas de aula pensadas para a nova capital foram veiculadas nas páginas da Revista *Brasília*? Responder a esta questão, é o objetivo deste artigo¹.

¹ Este estudo deriva das investigações realizadas no âmbito do projeto “História das culturas escolares em Brasília (1960-1971)” e contou com apoio financeiro do Decanato de Pesquisa e Inovação e Decanato de Pós-Graduação da Universidade de Brasília por meio do Edital 04/2024.

Em termos teóricos, dialoga-se com o conceito de representação de Roger Chartier, segundo o qual elas podem ser entendidas como “esquemas intelectuais incorporados, que criam figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 2002, p. 17). Ademais,

tais representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, de uma realidade que lhes fosse exterior. Elas possuem uma energia própria que convence que o mundo, ou o passado, é realmente aquilo que dizem que é. Produzidas em suas diferenças pelos distanciamentos que fraturam as sociedades, as representações, por sua vez, as produzem e reproduzem (CHARTIER, 2010, p. 26).

Em termos metodológicos, foram lidos todos os números da revista publicados entre 1957 e 1967, sendo fichadas e selecionadas, para este estudo, 3 fotografias das salas de aula das instituições educativas da capital publicadas dentro desse recorte temporal. A fotografia é tomada, enquanto fonte histórica, como

uma forma de representação de mundo, produzida em uma época (é sempre um testemunho do passado), transpassada de valores, expectativas e imaginários que, em conjunto, fornecem o significado amplo da realidade que ela quer representar. Assim, na pesquisa historiográfica, a realidade representada em uma imagem fotográfica bem como os sentidos e significados que dela decorrem, só são compreendidos quando tomados como resultado da ação dos sujeitos que a constroem, propõem e interpretam (ANJOS, 2015, p. 270-271).

Além das imagens fotográficas, serão levadas em conta, também, as legendas atribuídas pelos editores da Revista *Brasília* a esses registros e alguns textos veiculados na revista, assumindo-os como protocolos de leitura que visavam, no momento de produção do periódico, direcionar o olhar e o entendimento do espectador para determinados sentidos que se queria construir em torno das imagens; protocolos que, na operação histórica (CERTEAU, 2002), podem ser lidos a contrapelo (BENJAMIN, 1987), tensionados e interrogados, com vistas à produção de outras interpretações, essas, de caráter historiográfico.

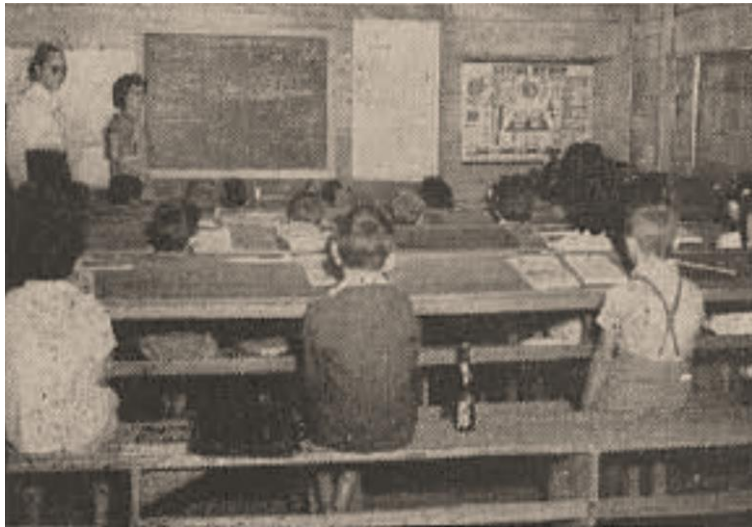
Observemos e analisemos, nas páginas que seguem, algumas fotografias de salas de aula publicadas na Revista *Brasília*...

Uma sala de aula provisória

A primeira imagem de uma sala de aula foi publicada em 1957, na edição de número 4 da Revista *Brasília*. Nela destacavam-se notícias sobre o primeiro aeroporto da cidade; a chamada “marcha da construção”; os projetos classificados em segundo e terceiro lugar no concurso para definição do Plano Piloto de Brasília e os Atos Administrativos da NOVACAP, que eram o motivo principal de existência do periódico. Nas páginas 1 e 2, abria-se o número com breves notas sobre acontecimentos relevantes no canteiro de obras de Brasília, nas quais foi destacada, na primeira de três colunas, uma pequena fotografia do interior de uma sala de aula de uma escola provisória construída na cidade, por iniciativa particular, acompanhada de um texto que funcionava como legenda: (Figura 1)

Figura 1 – Interior de uma sala de aula provisória

“O clichê abaixo mostra uma escola primária de Brasília, provisoriamente instalada, por iniciativa particular, num galpão de tábuas. Mas não é esta a única escola já a funcionar na nova Capital. Noutro local desta revista damos notícia mais circunstanciada a respeito do ensino primário ali, inclusive do estabelecimento de maiores proporções já providenciado pela direção da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil”



Fonte: Revista *Brasília*, n. 4 (1957)

De acordo com a reportagem “A marcha da construção de Brasília”, em abril de 1957, funcionavam no canteiro de obras da nova capital duas escolas particulares. Concomitantemente, estava-se construindo a primeira escola pública – chamada de oficial – e que viria a ser denominada de Grupo Escolar Número 1 (mais tarde, Escola-Classe Júlia Kubsticheck). A fotografia em tela, portanto, é do interior de um desses estabelecimentos particulares que vinham, naquele contexto, suprimindo a urgência de oferta de escolarização aos filhos dos trabalhadores que estavam erguendo a cidade planejada por Lúcio Costa.

As escolas em funcionamento, ambas na localidade denominada Núcleo Bandeirante, eram o “Instituto Batista de Brasília”, com primário e secundário, com 33 alunos matriculados, dirigido pela professora Anahir Pereira da Costa e a Escola Bandeirante “de propriedade da professora Ana Vitória Cardoso Spotto, que a dirige, assistida pela professora Dirani Arruda Campos. Há nesta escola 25 alunos” (A MARCHA..., 1957, p. 5-6). Acredito ser esta a escola representada na fotografia, dada a presença de duas docentes, que bem podem ser a diretora e a professora mencionadas na reportagem. Que sala de aula está representada na fotografia?

A julgar pelo tamanho dos alunos, que aparentam ter aproximadamente a mesma estatura, esta não parece ser uma sala multisseriada, mas graduada. Se seria a única sala de aula do estabelecimento – que contando com duas docentes, precisaria desdobrar-se não só em duas salas, mas, também em dois turnos –, as fontes não permitem saber. O que fica evidenciado na imagem é que, apesar do caráter improvisado, procurou-se dotar aquele espaço de elementos considerados básicos para o ensino no período: um quadro parietal negro e cartazes. A tomada fotográfica, por outro lado, sugere tratar-se de um espaço pouco ventilado, já que no enquadramento escolhido pelo fotógrafo não são visíveis portas ou janelas, a menos que, talvez, estivessem fora do campo fotográfico. Afinal, corte, campo e fora do campo são, segundo P. Dubois (1993), elementos essenciais do ato fotográfico.

A escolha do fotógrafo no corte da imagem parece ter querido destacar o momento de uma fazer ordinário da classe (CHARTIER, 2000), quando professoras poderiam estar ministrando uma “lição” e os estudantes, concentrados, “aprendendo”. Ou seja, independente do imprevisto ou até mesmo precariedade do espaço, aquela escola cumpria com seu papel educativo naquele contexto da construção da nova capital, não deixando de atender as necessidades educacionais dos filhos dos construtores. A posição das cabeças dos alunos, reforça, ao espectador da fotografia, que estes estavam concentrados, seja por imposição da pose fotográfica que foram levados a assumir, seja por conta do momento escolar em que foram capturados.

Por se tratar de um estabelecimento provisório, os estudantes não trajam uniformes. Cada um usa uma vestimenta diferente, como se percebe no detalhe dos três meninos representados na parte inferior da fotografia. Essas crianças traziam para a escola não só a vontade de aprender, mas também uma série de objetos que depositam no vão do longo banco escolar em que estão sentadas, sugerindo, assim, estarem devidamente providas para estar naquele espaço.

A presença dos longos bancos escolares – que podem ter sido feitos nas próprias oficinas do canteiro de obras da Companhia Urbanizadora da Nova Capital – merecem algum comentário. Desde fins do século XIX que as carteiras individuais despontaram como o móvel mais adequado para comportar os estudantes, tanto por razões ergonômicas quanto disciplinares (cf. ALCÂNTARA, 2014; ANJOS, 2022). A opção por bancos ao invés de carteiras para a Escola Bandeirante pode ter se dado pelas mesmas razões que a tornavam tolerável quase um século atrás: a falta de espaço para acomodar carteiras escolares individuais. Fosse como fosse, não deixa de ser de certo modo contraditório que o primeiro registro fotográfico de uma sala de aula em Brasília seja bastante tradicional, mesclando poses e móveis já ultrapassados para o que se poderia imaginar como educação moderna, que era aquela que, afinal, se queria oferecer na nova cidade.

Essa contradição não passou despercebida aos editores da Revista *Brasília*, que na legenda, ao mesmo tempo em que descreviam a imagem, tratavam se adiantar-se a eventuais críticas anunciando que esta não era a única escola a funcionar na capital e que, inclusive, um estabelecimento de maiores proporções – e, portanto, mais adequado às necessidades modernas do ensino – estava em fase de construção.

Uma sala de jardim de infância

A segunda fotografia do interior de uma sala de aula localizada na revista *Brasília* foi publicada na edição especial de abril de 1960, que marcava a inauguração da Nova Capital. Ilustrava uma reportagem intitulada: “A educação em Brasília”. Tratava-se de representação do interior de um jardim de infância, como assinalado pela legenda que a acompanhava (Figura 2)

Figura 2 – Interior do Jardim de Infância

Fonte: Revista *Brasília*, n. 40 (1960)

Na concepção de Anísio Teixeira os jardins de infância seriam a porta de entrada das crianças no sistema educacional de Brasília. Deveriam integrar os centros de educação elementar, formados por Jardim de Infância, Escola-Classe (escola de ensino primário) e Escola Parque (a ser frequentada no contraturno pelos alunos do primário). Haveria, segundo o planejado, um jardim de infância em cada superquadra, garantindo, assim, o acesso democrático e massivo a essa instituição educativa. Tratava-se de uma ousada inovação, numa época em que a pré-escola no Brasil era vista mais como um campo de ação da assistência social do que da educação (PINTO; MÜLLER; ANJOS, 2020). Isso explica o interesse dos editores da Revista *Brasília* em ilustrar com uma fotografia a existência e efetivo funcionamento de um Jardim de Infância na recém-inaugurada capital, propagandeando que nela, mesmo as crianças pequenas, recebiam atendimento educacional. Se considerarmos que havia a expectativa de que o sistema brasileiro se tornasse modelar para o restante do país (TEIXEIRA, 1961), temos, aqui, a intencionalidade de fazer do registro fotográfico uma espécie de vitrine do que vinha sendo feito na nova capital e, portanto, deveria ser replicado em outros locais da nação na qual a revista *Brasília* circulava.

A sala de aula do jardim de infância difere radicalmente daquela da escola provisória de três anos antes, não só por destinar-se a um tipo de escolarização específico – a pré-escola – mas, principalmente, por já estar funcionando em um edifício planejado para tal fim. Sabemos que, às vésperas da inauguração de Brasília, havia três jardins de infância em funcionamento na cidade, o Jardim de Infância das Casas Populares, o Jardim de Infância anexo à escola Ernesto Silva e o Jardim de Infância 21 de Abril (PINTO; MÜLLER; ANJOS, 2018). O 21 de Abril foi o primeiro construído na cidade especificamente para essa destinação, sendo muito provável que a fotografia em questão seja do seu interior². Ele contava, de fato, com um planejamento arquitetônico e educacional bastante detalhado: além de um edifício de linhas modernistas, era dotado de parquinho, piscina e jardins de frente para cada uma das salas de aula (BALDEZ, 2021a). Era a materialização de um projeto educativo para a pequena infância da cidade. É ela, por isso, a personagem central da fotografia publicada na Revista *Brasília*.

² Uma fotografia de seu exterior, ocupando quase toda uma página da revista, foi publicada na mesma matéria, o que reforça essa interpretação.

Conforme a representação construída pela lente do fotógrafo, as crianças, sentadas no chão, numa pose mais descontraída que aquela propugnada pela forma escolar (VINCENT, LAHIRE, THIN, 2001), ouvem, atentas, o que parece ser a narração do conteúdo de um livro, feito pela professora. A rigidez do corpo do primeiro menino, numa postura quase incômoda somada ao fato de nenhuma criança olhar para a objetiva, porém, sugere ser uma pose construída, feita especialmente para um retrato fotográfico. Tal interpretação é legítima, afinal, o espectador supre o não representado em uma fotografia (AUMONT, 1993), construindo, assim, significações para o que vê, fazendo com que os sentidos de uma imagem fotográfica estejam sempre abertos à interpretação. Ainda assim, o cálculo do registro é claro: ambos, professora e alunos, manifestam a seriedade e efetividade do ensino infantil na cidade há pouco inaugurada, com a mestra ensinando e os alunos aprendendo, realizando, assim, a meta última de todo processo educativo.

Voltando o olhar para as crianças, estas parecem estar uniformizadas – inclusive nos sapatos – já expressando, assim, pelo vestir, a identidade homogeneizante de alunos das escolas públicas da nova capital. Ao fundo da imagem vemos um quadro mural, com muitas folhas de papel, que pode sugerir o uso da técnica do flanelógrafo nas aulas do jardim de infância, segundo a qual através de imagens e do diálogo com elas são transmitidos determinados conhecimentos aos pequenos estudantes. As cadeiras, brancas, completam o cenário, dando a aparência ao espectador de um ambiente leve e harmonioso, pensado para a educação das crianças pequenas.

Uma contradição, entretanto, que se pode apreender na fotografia, é a centralidade que a professora assume na sala de aula representada. Boa parte da pedagogia moderna, sobretudo a partir do Movimento Pela Escola Nova, do qual Anísio Teixeira era um dos mais ilustres representantes, tinha a criança como protagonista do processo educativo (CARVALHO, 2002). Se educadores ligados ao movimento já nos anos 20 contrapunham a escola antiga como aquela centrada no professor à escola nova, centrada no aluno (VIDAL; FARIA FILHO, 2005), a imagem em questão sugere ter capturado um momento de ensino bem tradicional³. As crianças, passivamente, observam o que a professora lhes expõe; a mestra, por sua vez, cheia de autoridade pedagógica, transmite a lição. Essa é uma característica da cultura escolar imortalizada no registro fotográfico: o novo, representado pelo espaço moderno, planejado, compõe com o velho, os modos tradicionais de transmissão de conhecimento. Dessa amálgama emergem o que podem ter sido as normas e as práticas (JULIA, 2001) pelas quais se estava pautando a escolarização num moderno jardim de infância brasileiro no momento específico capturado pelo fotógrafo.

³ Falo de um momento porque, conforme a historiografia educacional sobre Brasília demonstra, em outros episódios ocorridos entre 1962 e 1965, os jardins de infância da cidade foram espaços de práticas consideradas modernas e alinhadas ao que era a pedagogia de ponta da época. Sobre isso ver Baldez (2021b)

Uma sala de aula de uma Escola-Classe de Brasília

Figura 3 – Interior da sala de aula de uma Escola-Classe

“Felizes e sorridentes as crianças de Brasília preparam-se para serem úteis à Pátria, amanhã. Estão compenetradas na missão que tem sido a preocupação de seus pais: Construir uma capital que, além de ser a mais bela do mundo, poderá ser o ponto de partida para a solução de tantos problemas brasileiros, que, para serem resolvidos, aguardam apenas a determinação e a boa vontade dos cidadãos deste país.”



Fonte: Revista *Brasília*, n. 50-52 (1961)

A terceira fotografia selecionada para este estudo diz respeito ao interior de uma Escola-Classe. Em Brasília, esse foi o nome escolhido para as escolas primárias, numa clara inspiração no modelo de escolarização norte-americano que Anísio Teixeira conhecera nos Estados Unidos em 1927; que implantara no Rio de Janeiro na década de 1930 e no Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em Salvador, entre fins da década de 1940 e inícios da de 1950 (TEIXEIRA, 1928; TEIXEIRA, 1935; DÓREA, 2000; EBOLI, 2000). Enquanto no resto do país o ensino primário funcionava nos grupos escolares ou em escolas isoladas (SOUZA, 2009), em Brasília até o nome escolhido queria significar uma renovação no modelo de ensino. A fotografia teria conseguido captar todo esse espírito de mudança?

Como define Roland Barthes (1984), três elementos compõem uma fotografia: o *operator* (o fotógrafo); o *spectator* (os que observam a imagem) e o *spectrum* (aquele ou aquilo que é fotografado). No caso da fotografia em tela, o *operator* se preocupou em capturar não o espaço escolar propriamente dito, mas aqueles que o ocupavam. O *spectrum* da imagem, de fato, são as crianças, dispostas em filas, devidamente sentadas em suas carteiras escolares. Trata-se de uma sala de aula cheia, mas não lotada, o que permite ao *spectator* inferir que aquela escola contava com condições adequadas para o aprendizado no quesito tamanho de uma turma de ensino primário.

Em relação ao espaço escolar propriamente dito, ele figura num segundo plano, mas está lá: uma sala de aula com paredes brancas, tendo ao fundo um guião de madeira onde poderiam ser pregados cartazes e trabalhos dos estudantes. Estes, por sua vez, diferente da primeira fotografia de uma sala escolar veiculada na revista, ocupam carteiras escolares individuais, de madeira e ferro, com linhas retas e modernas, fabricadas para uso e destinação claramente escolares.

Por outro lado, vemos, total ou parcialmente representadas, 18 crianças, meninos e meninas. De duas a quatro – não é possível afirmar com certeza – eram negras, as demais, brancas. Não é mero detalhe, já que, como a historiografia tem demonstrado, a escola primária

republicana, diferente da escola imperial (VEIGA, 2008), operou um embranquecimento do alunado, fazendo com que a percentagem de crianças negras a tomar assento nos bancos escolares diminuísse sensivelmente (GOUVÊA e SCHUELER, 2012). Nesse ponto, a imagem da escola primária em Brasília repete um problema crônico da escola primária brasileira, em plena década de 1960, pondo por terra, a seu modo, o mito da democracia racial. Não era esse, deste modo, um aspecto renovador do ensino na nova capital.

Nada disso, porém, é problematizado. A legenda escolhida para narrar a fotografia aos leitores visava destacar que aquelas crianças, felizes e sorridentes (embora somente uma menina sorria claramente para o fotógrafo!) estavam sendo preparadas para serem úteis à Pátria. Valendo-se de uma conhecida retórica segundo a qual as crianças são o futuro (ANJOS, 2016), os editores destacam que, em Brasília, elas estavam sintonizadas com o objetivo de seus pais, construir a nova capital. A escola as preparava para a vida. Mas, ainda não era a vida. Diferente do que defendiam educadores como Anísio Teixeira, que entendiam, na esteira de filósofos como John Dewey, que a “a escola deve vir a ser o lugar aonde a criança venha a viver plena e integralmente.” E mais: “Só vivendo, a criança poderá ganhar os hábitos morais e sociais de que precisa, para ter uma vida feliz e integrada, em um meio dinâmico e flexível tal qual o de hoje” (TEIXEIRA, 2000, p. 40). Enquanto para os educadores a escola era lugar de experiências já no presente da criança, para os editores da revista – na qual podemos ver a voz dos gestores de Brasília, por meio da NOVACAP – ela devia preparar para o futuro, um futuro que dependia da participação das crianças. Uma visão mais utilitária que propriamente pedagógica, na qual a escola era instrumento, meio, não um espaço de educação para o presente, como propugnava a pedagogia moderna e, especificamente, a da Escola Nova. Uma vez mais, o velho compõe com o novo na representação de uma sala de aula de uma escola da jovem capital da República.

Considerações finais

Este artigo teve por objetivo investigar que representações das salas de aula pensadas para a nova capital foram veiculadas nas páginas da Revista *Brasília*.

Pode-se afirmar, inicialmente, que, afora a primeira imagem, de uma escola provisória, as demais fotografias queriam veicular a representação de uma educação moderna e modelar, planejada para atender às necessidades da cidade em fase de consolidação e do próprio país. Tanto na conformação material do espaço escolar como nas poses capturadas pelos fotógrafos, essa era a mensagem intencional que a revista queria transmitir a seus leitores.

Todavia, ao submeter essas imagens ao crivo da interpretação historiográfica, emergiram uma série de elementos mais tradicionais e até mesmo contraditórios nessas representações, que revelam, assim, limitações do modelo de ensino proposto, como a relação hierárquica professor-alunos (presentes na primeira e segunda imagens), o padrão de branquitude dos alunos atendidos por uma escola-classe bem como a ideia da escola como um espaço do vir-a-ser da criança, ignorando sua potencialidade como lugar de experiências já no presente infantil como advogavam algumas correntes da pedagogia dita moderna (como vimos na terceira imagem).

Para concluir, não devemos esquecer-nos que fotografias são instantâneos de uma realidade mais complexa e ampla do que elas dão conta de documentar. São, com efeito, um recorte dessa realidade. Assim, cabe indagar-se se essas representações da sala de aula aqui identificadas são uma amostra mais ou menos fiel da realidade experimentada nas escolas de Brasília. As interpretações aqui construídas, nesse sentido, são uma provocação para novas investigações, na medida em que demarcam um horizonte de expectativas que estava em circulação junto aos redatores de uma revista dedicada a propagandar o processo de construção e consolidação de uma cidade onde tudo fora planejado, inclusive, a educação.

Referências

A MARCHA DA CONSTRUÇÃO. *Revista Brasília*. Rio de Janeiro, n. 4, p. 5-6, 1957.

ALCÂNTARA, Wiara Rosa Rios. *Por uma história econômica da escola: a carteira escolar como vetor de relações* (São Paulo, 1874-1914) (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

ANDRADE, Rômulo de Paula. Sertão e modernidade nas fotografias da Revista Brasília. *Outros tempos*. São Luís, v.17, n.0, p.268-288, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18817/ot.v17i30.795>

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. A educabilidade da criança em perspectiva histórica: permanências e contradições. In: GONÇALVES JR., Ernando Brito. (org.). *educação em perspectiva crítica: inquietudes, análises, experiências*. Curitiba: Appris, 2016, p. 15-38.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Desfiles cívico-escolares no Estado Novo: uma interpretação pelas fotografias. *Acta Scientiarum Education*. Maringá, v. 37, n. 3, p. 269-276, set.-dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v37i3.19533>

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Gustavo Alberto: “invenção” e circulação da primeira carteira escolar patenteada no Brasil (1881-1884). *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 48, p. 1-17, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202248241234>

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. A narrativa de Juscelino Kubitschek sobre a escolarização em Brasília: vestígios de uma historiografia da educação. In: SILVA, Fabiany de Cássia Tavares da; ANJOS, Juarez José Tuchinski dos (orgs.). *Escrita da pesquisa em educação na Região Centro-Oeste*. Campo Grande: Editora Oeste, 2020, p. 57-76.

ANJOS, Juarez. José Tuchinski. O Inep e o planejamento do sistema público de ensino de Brasília nos anos 1950. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 103, n. 263, p. 87-94, jan.-abr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.103i263.5283>

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1993.

BALDEZ, Etienne. Notícias da pré-escola no Distrito Federal: apontamentos de Yvonne Jean (1960-1964). *Educar em Revista*. Curitiba, v.37, e.75364, 2021b. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.75364>

BALDEZ, Etienne. Três colunas do jornal Correio Braziliense e os primeiros jardins de infância de Brasília: o provimento material solicitado (1960-1965). In: CORDEIRO, Andréa Bezerra *et al.* (orgs.). *A teia das coisas: cultura material escolar e pesquisa em rede*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2021a.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Valter. Sobre o conceito de história. In: *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-234.

CAPELLO, Maria Beatriz Camargo. A revista Brasília na construção da nova capital (1957-1962). *Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo, p. 43-57, 2010. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v0i11p43-57>

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Pedagogia da Escola Nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola. In: FREITAS, Marcos César; KULHMANN JR., Moysés (orgs.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Editora Cortez, 2002, p.373-408.

CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Anne-Marie. Fazeres ordinários da classe: uma aposta para a pesquisa e para a formação. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 26, n. 2, p. 157-168, jul.-dez. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022000000200011>

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. *Estudos Avançados*. São Paulo, n. 24, v. 69, p. 7-30, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000200002>

DÓREA, Célia Rosângela Dantas. Anísio Teixeira e a Arquitetura Escolar: planejando escolas, construindo sonhos. *Revista da FAEEBA*. Salvador, n. 13, p. 151-162, jan./ jun. 2000.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1993.

DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. *A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar*. São Paulo: Moderna, 2003.

EBOLI, Terezinha. *Uma experiência de educação integral*: Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Rio de Janeiro: Gryphos, 2000.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Patrimonio material de la escuela e historia cultural. *Linhas*. Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 13-28, jul.-dez. 2010.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de; SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. Condições de instrução da infância: entre a universalização e a desigualdade. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; SOUZA, Rosa Fátima de; PINTO, Rubia-Mar. (orgs.). *Escola primária na Primeira República (1889-1930): subsídios para uma história comparada*. Araraquara: Junqueira e Marin, 2012, p. 329-351.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

LOPES, Amanda Alves Sicca. *Terra, espírito e homem: a nova capital e as imagens da branquitude na Revista Brasília* (Mestrado em Arquitetura). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021.

MEDEIROS, Beatriz Feijó de. *A Revista Brasília e a mitificação da nova capital*. Como a revista ajudou na construção da imagem da “Capital da Esperança” (Monografia). Curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2012.

MOURA, Gleuze Pereira Marinho; ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. A infância no tempo da construção da nova capital brasileira: representações nas páginas da Revista Brasília (1957-1960). *Albuquerque: Revista de História*. Aquidauana, v. 15, n. 30, p. 227-245, jul.-dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.46401/ardh.2023.v15.19312>

PEREIRA, Eva Waisros; HENRIQUES, Cinira Maria Nóbrega. Escola Júlia Kubitscheck – a primeira escola pública do Distrito Federal. In: PEREIRA, Eva Waisros *et al.* (orgs.). *Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)*. Brasília: Editora da UnB, 2011, p. 145-160.

PINTO, Viviane Farias; MÜLLER, Fernanda; ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Entre o plano e o vivido: a inauguração de Brasília e dos jardins de infância (1960-1962). *Revista Educação e Cultura Contemporânea*. Rio de Janeiro, v.17, n.47, p.292-313, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5935/2238-1279.20200015>

PINTO, Viviane Farias; MÜLLER, Fernanda; ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Entre o passado e o presente: contrastes de acesso à educação infantil no Distrito Federal. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v.34, p.1-24, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698187179>

REVISTA BRASÍLIA. Rio de Janeiro, n. 4, 1957.

REVISTA BRASÍLIA. Rio de Janeiro, n. 40, 1960.

REVISTA BRASÍLIA. Rio de Janeiro, n. 50-52, 1961.

SOUZA, Rosa Fátima. *Alicerces da Pátria: história da escola primária no estado de São Paulo (1890-1976)*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos Americanos de Educação*. Relatório apresentado ao Governo do Estado da Bahia pelo Diretor Geral de Instrução, Comissionado em Estudos da América do Norte. Typ. De S. Francisco, EUA, 1928.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação Pública – Administração e Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do Departamento de Educação, 1935.

TEIXEIRA, Anísio. *Pequena introdução à Filosofia da Educação*. A escola progressiva ou a transformação da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.35, n.81, p.195-199, jan.-mar. 1961.

VARELA, Júlia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. *Teoria e Educação*. Porto Alegre, n. 6, p. 225-246, 1992.

VASCONCELOS, Adirson. *Os pioneiros de Brasília*. 2 Volumes. Brasília: Edição do Autor, 1992.

VEIGA, Cynthia Greive. Escola pública para negros e pobres no Brasil: uma invenção imperial. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas, v.13, n.39, p.502-516, set.-dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000300007>

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2005.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 3, p. 7-47, jun. 2001.